



ISOLAMENTO DE *LEPTOSPIRA* SPP DE UM CÃO ATENDIDO NO HOSPITAL VETERINÁRIO

Miyabe, F. M.¹; Benitez, A. N.¹; Jeanféllice, B. C. S.¹; Silva, C.¹; Barboza, R. E.²; Fabretti, A. K.²; Pretto-Giordano, L. G.^{1*}

¹Departamento de Medicina Veterinária Preventiva, Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil. *e-mail: lgiordano@uel.br

²Departamento de Clínica Veterinária, Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil.

Saúde única

Palavras-chave: Leptospirose, campo escuro, guarda responsável

Introdução

A leptospirose canina é uma enfermidade infectocontagiosa de apresentação clínica complexa e grande variedade de sinais clínicos. É causada por bactérias do gênero *Leptospira*, e consiste em problema de saúde pública em razão do seu potencial zoonótico (PAES, 2016). As técnicas de isolamento de *Leptospira* spp. são fastidiosas, sendo difícil a obtenção de resultados positivos em amostras de animais naturalmente infectados, devido a vários fatores, como longos períodos de incubação, presença de contaminantes e o intervalo entre a obtenção e o processamento das amostras, principalmente quando se trata de amostras de urina, visando a viabilidade das leptospirosas, já que estas são sensíveis ao pH ácido (FREITAS et al., 2004). O objetivo deste trabalho foi isolar *Leptospira* spp. da urina de um cão com sinais de leptospirose e alertar sobre os riscos de transmissão entre animais e seres humanos.

Material e métodos

Foi atendido pelo Hospital Veterinário da Universidade Estadual de Londrina (HV-UEL), no mês de junho de 2016, um cão macho, SRD, de três anos de idade, da região de Londrina – PR, com histórico de apatia e hiporexia há 15 dias. Ao exame clínico, as alterações constatadas foram necrose de língua e icterícia. Na anamnese foi relatado que o animal estava com vacina atrasada, tinha livre acesso à rua e hábito de caçar ratos.

Foi encaminhado ao Laboratório de Leptospirose do Departamento de Medicina Veterinária Preventiva (DMVP) da UEL, aproximadamente 3ml de urina para exame direto em microscopia de campo escuro e cultura. Uma alíquota de 0,3ml da urina foi inoculada em 3ml de meio EMJH (Ellinghausen, McCullough, Johnson e Harris) acrescido de antibióticos e incubado a 28°C. Após 24 horas foi realizado o



repique em EMJH sem adição de antibióticos e incubado a 28°C com avaliações de crescimento bacteriano, semanalmente (FREITAS et al., 2004). Além da urina, foi encaminhado também uma amostra de soro sanguíneo para realização de soroadglutinação microscópica (SAM) utilizando-se 18 sorovares.

Resultados e Discussão

No exame direto da urina foi observado células com morfologia e movimentação compatíveis com *Leptospira* spp. Na SAM foram detectados títulos de 1600 para o sorovar Canicola e de 100 para Icterohaemorrhagiae o que permitiu concluir o diagnóstico de leptospirose, provavelmente pelo sorovar Canicola.

Na cultura, após 15 dias de incubação, foram observadas estruturas com morfologia e movimentação compatíveis com *Leptospira* spp. Os tubos com o isolamento serão mantidos para posterior caracterização molecular do sorovar.

Os cães são considerados sentinelas para detectar a presença de leptospirosas no ambiente e são essenciais para o entendimento da epidemiologia da doença, inclusive nos seres humanos. Em áreas urbanas o cão é uma das principais fontes de infecção da leptospirose humana, devido ao estreito contato com os seres humanos, e também por eliminar leptospirosas viáveis na urina de forma intermitente e por período prolongado, mesmo não apresentando sinais clínicos (PAES, 2016).

Cães errantes, comunitários ou com livre acesso à rua têm maior risco de exposição a leptospirose em relação a cães restritos ao ambiente domiciliar ou que tem acesso à rua acompanhado pelo seu proprietário (QUERINO et al., 2003).

O conceito de Saúde Única ressalta a importância dos cuidados com as pessoas, o ambiente e com os animais, como medida de prevenção de doenças zoonóticas de forma endêmica ou em surtos.

Conclusões

A identificação do isolado obtido nesse trabalho permitirá o estudo epidemiológico da leptospirose canina na região onde o animal habitava, uma vez que outros cães errantes e/ou comunitários estão igualmente expostos a doença, assim como a população humana. Esse resultado evidencia a necessidade de políticas públicas que orientem a população sobre a guarda responsável de animais de companhia.

Referências

FREITAS, J. C.; SILVA, F. G.; OLIVEIRA, R. C.; DELBEM, A. C. B.; MULLER, E. E.; ALVES, L. A.; TELES, P. S. Isolation of *Leptospira* spp from dogs, bovine and swine naturally infected. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 34, p. 853-856, mai-jun. 2004.



PAES, A. C. Leptospirose Canina. In: _____. **Doenças Infecciosas em Animais de Produção e de Companhia**. 1. ed. Rio de Janeiro, 2016. cap. 34.

QUERINO, A. M. V.; DELBEM, A. C. B.; OLIVEIRA, R. C.; SILVA, F. G.; MULLER, E. E.; FREIRE, R. L.; FREITAS, J. C. Fatores de risco associados à leptospirose em cães do município de Londrina, PR. **Semina: Ciências Agrárias**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 27-34, jan-jun. 2003.